

O (NOVO) SUJEITO DA INTERAÇÃO VERBAL E SUAS MÁSCARAS IDENTITÁRIAS: UMA ABORDAGEM ENUNCIATIVO-DISCURSIVA

Monique Alves Vitorino

Patrícia Silva Rosas de Araújo

Universidade Federal de Pernambuco moniquevitorino@gmail.com

Universidade Federal da Paraíba letrasrosas@hotmail.com

Resumo: É inegável o papel que a internet cumpre na contemporaneidade. Ela desempenha função central em nossa vida econômica, social e cultural. Com a influência de aplicativos web, como mídias sociais on-line (Facebook, Twitter, Instagram, Snapchat etc.), o internauta passa a publicar conteúdo na rede digital que compete com grandes portais. No entanto, esse internauta é cada vez mais faceless (sem face), pois pode mentir/omitir seu nome, sua idade, sua profissão, sua condição financeira, sua cultura, sua religião, seu grupo social, dentre outras informações, só para participar de determinada página, site, blog etc. Isso porque, aparentemente, não temos um sujeito pessoa física, com registro, endereço, CEP etc. O que temos é um sujeito que ocupa uma posição axiológica e que pode navegar por diversos espaços virtuais. Nesse contexto, constitui objetivo desse trabalho analisar o perfil desses “novos” sujeitos que interagem nos ambientes virtuais, revelando suas marcas sócio-histórico-ideológicas e seus posicionamentos axiológicos. A fundamentação teórico-metodológica insere-se na linha da Análise Dialógica de Discurso (ADD), fundamentada no pensamento de Bakhtin e o Círculo. O resultado da análise aponta que o sujeito virtual (faceless) nem sempre tem consciência sobre quem é o seu interlocutor (auditório) imediato ou qual o tamanho da repercussão do seu discurso. Assim, faz-se necessário conhecer seus interlocutores para que seu discurso seja inteligível ao outro. Além disso, o artigo aponta que o sujeito nunca é passivo ou neutro, mas dialógico, heterogêneo, social, ideológico. Ele ocupa uma posição axiológica e escolhe usar as palavras no discurso de acordo com a valoração que estas palavras ocupam na interação discursiva. A palavra também não é neutra.

Palavras-chave: Interlocutor, Interação verbal, Identidade, Ensino.

1. Considerações iniciais

Com o advento dos meios de comunicação, especialmente a internet, o sujeito está interagindo cada vez mais via comunidades *on-line*, seja por meio de grupos de discussão, blog, redes sociais, mundos virtuais, entre outros. Essa nova ordem na rede digitalizada de comunicação

exige de nós novas maneiras de ler, de escrever, de responder, de publicar. Com a influência de aplicativos *web*, como mídias sociais *on-line* (*Facebook, Twitter, Instagram* etc.), o internauta passa a publicar conteúdo na rede digital que compete com grandes portais. A *web* permitiu que conteúdos marginais fossem acessados a partir de qualquer navegador, como também abrissem locais de discussão pública através de comentários, onde o internauta interage com o autor do conteúdo publicado e também com outros comentaristas.

Nesse contexto, constitui objetivo desse trabalho analisar o perfil desses “novos” sujeitos que interagem nos ambientes virtuais, revelando suas marcas sócio-histórico-ideológicas e seus posicionamentos axiológicos. A fundamentação teórico-metodológica insere-se na linha da Análise Dialógica de Discurso (ADD), fundamentada no pensamento de Bakhtin e o Círculo. Compõe o corpus do trabalho o comentário de uma docente que ironizou um passageiro do Aeroporto Santos Dumont, no Rio, em 2014, e um comentário que um médico fez, no mês de julho de 2016, no Hospital Santa Rosa de Lima, em Serra Negra (SP). Os comentários destes interlocutores “extrapolaram” os limites do privado e foram vistos por milhões de brasileiros que consideraram as publicações preconceituosas.

2. O interlocutor *faceless*: entre máscaras e identidades

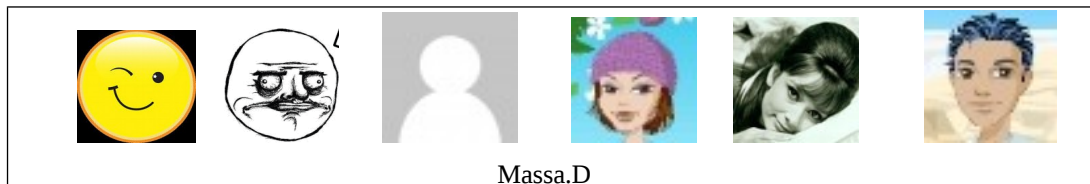
De acordo com Kozinets (2014), os universos da nova tecnologia estão crivados de neologismos e no caso em questão, encontramos uma diversidade de nomes para o sujeito que interage virtualmente: participante, membro, internauta, usuário (KOZINETS, 2014); cibersujeito (DIAS, 2004), comentarista (MONTEIRO, 2008), dentre outros.

Poderíamos seguir encontrando outras acepções para o termo, mas nesse trabalho, pretendemos desenvolver a reflexão a partir do termo *interlocutor faceless*. Preferimos usar tal definição por dois motivos. O primeiro porque locutor e interlocutor desempenham papéis ativos no ciberespaço, que não é apenas dividido, como se cada um fosse responsável apenas por um dos turnos do diálogo. O diálogo é compartilhado, ou seja, um sujeito produz seu discurso visando que o outro lhe dê ouvidos, que o outro curta sua opinião, discuta, compartilhe. Não importa se o outro vai concordar ou não com a sua opinião. O que importa é ser respondido, ser visto e ouvido pelo outro e com ele estabelecer uma interação ininterrupta.

O segundo motivo é porque o termo *faceless* (sem face) parece nomear satisfatoriamente os movimentos desse sujeito que interage na *web* sem uma identificação cidadã verdadeira, através de

um perfil *fake* (falso), outras vezes se esconde no anonimato, no pseudônimo, em *emoticons*, em código, em imagem gráfica, em desenho, em foto de artista, em avatar, dentre outros. Eis alguns exemplos:

Figura 1– Algumas máscaras identitárias dos interlocutores *faceless*



Fonte: Elaborado pela autora.

Desse modo, nem sempre conseguimos identificar com facilidade o interlocutor que interage no ciberespaço. Mesmo que o usuário mostre seu verdadeiro rosto, a sua identificação pode ser flutuante e incerta, uma vez que os rostos podem ser constantemente modificados com o uso de recursos tecnológicos.

Esse é um fenômeno que parece ser o mote das relações interpessoais do momento. Ou seja, o sujeito virtual se esconde atrás de máscaras identitárias cada vez mais voláteis porque não se vê na obrigação de se revelar, uma vez que o mundo virtual dá a sensação de liberdade, de possibilidades para esse sujeito agir “como quer” e até mesmo “ser quem quiser”. E isso é sedutor, pois no momento em que o sujeito não se sente “vigiado” socialmente pelas normas e pelas pessoas, ele pode dizer “o que quiser”, “sobre quem quiser” e “sobre qualquer assunto”.

Porém, nos últimos anos, a sensação de liberdade do sujeito no ciberespaço tem sido cada vez mais frustrada, pois quem navega nas redes sociais está sendo vigiado por inúmeras pessoas em tempo real. E durante a navegação o sujeito sempre deixa marcas, pistas de sua historicidade. Logo, pode ser identificado, encontrado e, se for o caso, responsabilizado civil e criminalmente pelos seus atos. Assim, parece que não tem sido o bastante mostrar uma identidade heterogênea¹ no momento da navegação *on-line*, é preciso também “saber esconder” ou “saber apagar” pistas de sua identidade cidadã, ou seja, dados reais que possam identificar esse sujeito no mundo real.

De acordo com Rosas de Araújo (2017), podemos descrever o *interlocutor faceless* a partir de algumas características:

¹ Para Bauman (2009), a ideia de identidade heterogênea, híbrida, volátil e efêmera, é resultado do mundo líquido-moderno. Cf.: BAUMAN, Zygmund. O indivíduo sitiado. _____. Vida. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p. 25-54.

- a) Tem identidade social, mas a esconde por trás do anonimato, do pseudônimo, de *emojicons*, de códigos, de imagem gráfica, de desenhos, dentre outros;
- b) Participa ativamente de grupos *on-line* abertos e/ou fechados com o intuito de ser seletivo no que diz, lê ou ouve;
- c) Apresenta diferentes graus de escolaridade, faixa etária e crenças variadas;
- d) É ideológico, pois ora defende ferreamente o grupo social ao qual pertence (seja a religião, a política, a instituição etc.); ora não se compromete com nenhuma instituição ou assunto debatido no momento;
- e) Tenta persuadir os interlocutores a aderirem a seu ponto de vista sobre determinado assunto;
- f) Geralmente comenta sobre assuntos e fatos expostos nos noticiários e/ou manchetes de telejornais, rádio e programas de TV;
- g) Mostra sua identidade “real” quando convém, quando visa a fama, o sucesso e a adesão de milhões de seguidores.

Sobre este último item, podemos dizer que há aqueles que fazem questão de aparecer e revelar suas identidades sociais, como por exemplos, o colunista Reinaldo Azevedo, o colunista Paulo Henrique Amorim, pessoas famosas (como artistas, cantores), médicos (famosos que aparecem em programas de TV), professores, youtubers etc. Estes interlocutores se expõem sem máscaras identitárias porque querem a adesão do maior número possível de pessoas/seguidores; porque querem instaurar polêmicas, porque querem se autopromoverem através de suas publicações, porque querem fama e/ou audiência.

No entanto, a exposição excessiva pode trazer vários problemas, isso porque o sujeito ao expandir sua rede de amizade perde a noção do tamanho do seu auditório e seu discurso pode tomar grandes proporções, uma vez que extrapola o limite entre o privado e o público. Lembremos, por exemplo, do comentário² que uma professora do Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio (PUC-Rio) fez ironizando um passageiro do Aeroporto Santos Dumont, no Rio, em 2014. A professora tirou a foto de um homem vestido com camiseta regata e bermuda e a publicou num *site* de relacionamento pessoal com a seguinte frase: "Rodoviária ou aeroporto? "

Figura 2 – Comentário de uma professora numa rede social

² Cf. <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/02/advogado-ironizado-por-professora-no-rio-pensou-que-fosse-gozacao.html>. Acesso em 23/05/2016.



Fonte:

<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/02/1413606-professora-que-ironizou-passageiro-de-bermuda-e-afastada-na-puc-rj.shtml>. Acesso em 23/05/2016.

A publicação gerou polêmica não só pelo caráter preconceituoso e ideológico impresso pela professora, mas também pelo fato de que tal publicação extrapolou os limites do “privado” e/ou do “fechado” (apenas para os amigos) e circulou na rede para o público em geral. O comentário da professora foi reproduzido na página “Dilma Bolada”, personagem que parodia a ex-presidente Dilma Rousseff e tem mais de 1 milhão de seguidores. A publicação gerou polêmica e os internautas reagiram imediatamente se posicionando contra a atitude preconceituosa impressa pela professora.

No entanto, o comentário da professora obteve apoio de alguns de seus amigos/seguidores: “o glamour foi para o espaço”; “Isso é só uma amostra do que tenho visto pelo Brasil”; “rsrsrrsr o bom senso ficou em casa...”; “o glamour de voar definitivamente se foi...”. Assim, seu comentário só gerou polêmica e foi considerado preconceituoso porque extrapolou o limite entre o privado e o público.

Ao ser publicado numa página de grande repercussão e visibilidade, o comentário da professora passou a circular com caráter de denúncia, de indignação, de revolta. Antes, quando restrito ao seu grupo de amigos/seguidores (facebook), parecia “normal” e até “aceitável”, prova disso foram os comentários que endossaram seu posicionamento preconceituoso.

Outro exemplo é o caso do médico³ Guilherme Pasqua que ao atender um paciente no mês de julho de 2016, no Hospital Santa Rosa de Lima, em Serra Negra (SP), ironizou a maneira como este paciente falou “peleumonia” e “raôxis”. O médico publicou a foto numa rede social, num grupo

³ Cf. <http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2016/07/medico-debocha-de-paciente-na-internet-nao-existe-peleumonia.html>. Acesso em 20/04/2017.

privado, com o título: Uma imagem fala mais que mil palavras”. Na foto, Guilherme mostra o receituário médico com a seguinte frase: “*Não existe pelemunia e nem raôxis*”.

Figura 3 – Médico ironiza paciente pela maneira de falar



Fonte: Cf. <http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2016/07/medico-debocha-de-paciente-na-internet-nao-existe-pelemunia.html>. Acesso em 20/04/2017.

Tal publicação causou polêmica e indignação entre os internautas, inclusive porque a postagem ganhou os noticiários de TV. Depois da repercussão do fato o médico apagou seu perfil na rede social e apesar dele emitir uma nota explicando que não teve a intenção de ofender o paciente, foi afastado do trabalho, assim como seus colegas médicos que também comentaram com deboche a fala do paciente.

Esses exemplos mostram como nossas ações podem ser mal coordenadas quando um comentário extrapola o limite do privado e passa a ser visualizado por pessoas fora do grupo de amizade. Além disso, é muito difícil quando não se sabe o auditório imediato ou quando não se sabe o tamanho da repercussão que o nosso discurso pode alcançar. Por isso, faz-se necessário conhecermos, segundo defende Volochinov ([1930], 1976), a orientação social do enunciado, ou seja, o auditório, tendo em vista a(s) classe(s) social(is) à qual pertence(m) os interlocutores, sua situação financeira, sua profissão, sua função social etc. O conhecimento do auditório pode levar o locutor a organizar melhor seu discurso a

fim de garantir que seu enunciado seja inteligível ao outro, pois é o auditório, juntamente com a situação, que determina a entonação do enunciado (VOLOCHINOV, [1930] 1976).

No entanto, quem lida com o mundo virtual está navegando num mundo às sombras, pois devido ao alcance da internet e a sua fácil acessibilidade, é quase impossível definirmos o auditório, seja de um portal, de um blog, de um *site* de relacionamento, de um jornal etc. Podemos até imaginar o perfil de alguns leitores/ouvintes que frequentam esses *sites*, graças às pistas que eles deixam ao navegar, no entanto, são apenas especulações, pois não temos como saber o que de fato é verdade ou mentira nesses perfis.

Ademais, o administrador de um site pode até estimular certo grupo social a participar de uma determinada comunidade *on-line* fechada, ou visitar determinada página na *web*, mas não terá a garantia de que essa comunidade/página estará protegida contra “estranhos”, pois este interlocutor consegue burlar as regras e se “infiltrar” em qualquer comunidade/página que lhe interessar. O interlocutor *faceless* pode mentir/omitir seu nome, sua idade, sua profissão, sua condição financeira, sua cultura, sua religião, seu grupo social, dentre outras informações, só para participar de determinada página, *site*, blog etc. Isso porque, aparentemente, não temos um sujeito pessoa física, com registro, endereço, CEP etc. O que temos é um sujeito que ocupa uma posição axiológica e que pode navegar por diversos espaços virtuais. É por essa razão que esse sujeito que navega no ciberespaço é cada vez mais um *interlocutor faceless*.

3. Considerações Finais

O trabalho mostrou que os sujeitos interlocutores *faceless* ora escondem suas identidades civis, com o intuito de poder dizer sem “restrição” e sem “perseguição”, ora as expõem com o intuito de se tornarem conhecidos e “seguidos” por milhares de pessoas. Assim, podemos dizer que a(s) identidade(s) do interlocutor *faceless* não é(são) fixa(s), mas heterogênea(s). Nesse sentido, dependendo da situação comunicativa, este interlocutor passa a ocupar determinado espaço axiológico. E nesse espaço passa a usar um *conjunto projetado do enunciado* (BAKHTIN, 2011), ou seja, cada comunicação discursiva exige um tipo padronizado de enunciações valorativas que traduzem elogios, aprovação, indignação, insulto. Com isso, cada palavra ocupa uma entonação expressiva específica.

No caso dos interlocutores aqui apresentados (professora universitária e médico), percebemos que cada um fez uso de palavras que funcionaram “bem” dentro do espaço do privado, prova disso foi a adesão dos demais membros do grupo privado que apoiaram e até reafirmaram o

uso das palavras “senhor rodoviária”, “peleumonia” e “raôxis”. No entanto, ao extrapolar esse espaço, tais palavras foram consideradas preconceituosas e humilhantes, pois foram ditas por sujeitos considerados elitistas e empoderados socialmente. Logo, os comentários dos interlocutores são fruto das relações dialógicas que os sujeitos estabelecem entre si. Isso porque, quem diz, diz algo a alguém, num dado momento histórico, sob certas circunstâncias discursivo-ideológicas, com certos propósitos enunciativos.

Referências

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 6. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

DIAS, C. P. *A discursividade da rede (de sentidos): a sala de bate papo hiv*. São Paulo: Unicamp, 2004. 176 p. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2004.

KOCHE, Vanilda Santon. *Leitura e produção textual: gêneros textuais do argumentar e expor*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 53-58.

KOZINETS, Robert V. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica on-line*. Trad: Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2014.

MONTEIRO, Daniela Arns Silveira. *O Gênero Comentário: Análise Sócio-Retórica de Exemplos Publicados Nos Jornais Diário Catarinense e Folha De S. Paulo*. 2008. 125 f. Dissertação de Mestrado, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão. 2008.

ROSAS DE ARAÚJO, Patrícia S. *Análise dialógica de réplica no gênero comentário on-line: a compreensão responsiva ativa sobre o segundo casamento cristão-católico*. João Pessoa: UFPB, 2017, 161p. Tese de Doutorado, Universidade Federal da Paraíba, 2017.

VOLOCHINOV. [1926]. *Discurso na vida e na arte: sobre a poética sociológica*. 1976. Trad. de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza da edição inglesa de TITUNIK, I. R. “Discourse in life and discourse in art – concerning sociological poetics”. In: VOLOCHINOV , V. N. **Freudism**. New York, Academic Press.